

O ESCOLHIDO: DRAGÃO DO MAR

Tshombe Miles¹

Resumo

Este artigo estudará o papel da raça e da etnia no movimento contra a abolição da escravidão no Brasil. Analisando especialmente o papel do Dragão do Mar no movimento de abolição no Ceará, Brasil. Procurando-se entender como o Dragão do Mar tornou-se um importante abolicionista regional e por que ele foi celebrado por tantas elites da época, incluindo a família real. Além disso, o que o Dragão do Mar nos informa sobre a elite cearense no final do século XIX, e como ele se relaciona com as suas opiniões sobre raça e etnia.

Palavras-chave: Dragão do Mar, Francisco Nascimento, Abolicionista contra a escravidão no Ceará.

Abstract

This article analyzes the role of race and ethnicity as it pertained the abolition movement against slavery in Brazil. It looks at the particular role of Dragão do Mar in the abolition movement in Ceará, Brazil. Why did Dragão do Mar become such an important regional abolitionist and why was he celebrated by so many elites in this era, including the royal family. Moreover what does the role of Dragão do Mar tell us about the elite from Ceará in the late nineteenth century as it relates to their views on race and ethnicity.

Key-words: Dragão do Mar, Francisco Nascimento, Abolitionist against slavery in Ceará.

Este artigo investigou como Francisco Nascimento, mulato de descendência africana, conceituou o significado de liberdade no contexto da liderança orgânica, bem como se tornou o símbolo mais proeminente do movimento abolicionista no Ceará. Também conhecido popularmente como “Dragão do Mar”, Francisco Nascimento veio a ser figura notável no movimento contra a escravatura, conquistando até os dias atuais o eminente *status* de herói. Como um homem de descendência africana fez-se herói de seu tempo? Ao contextualizarmos a sua história de luta tentaremos compreender as expectativas complexas dos afro-brasileiros e da elite cearense no fim do século XIX.

Dragão do Mar enquanto abolicionista negro desempenhou papel importante no projeto reformista brasileiro sem ameaçar a ordem estabelecida em defesa dos interesses da elite. Isso se deve ao fato dele ter sido abolicionista quando no Brasil a escravatura não era mais aceita pelas elites. Como ela estava, de fato, sendo contestada por diversos grupos sociais da sociedade brasileira, somos suscitados a explorar a autenticidade da imagem do herói além das meras representações históricas.

Francisco do Nascimento foi um homem bastante respeitado, tanto pelos abolicionistas de sua época, como pelo governo brasileiro. Seu papel no movimento abolicionista foi honrado em artigo publicado no quinquagésimo aniversário da abolição da escravatura no Ceará e outros tantos abolicionistas de todas as regiões do Brasil reconheciam como era importante o papel desempenhado na luta contra a escravidão. Antônio Bezerra, por exemplo, descreve com detalhes no livro *O Ceará e os Cearenses* (1906), a extraordinária participação de Francisco no movimento

¹ Doutor em História Latino-Americana e Afro-Diáspora. Professor do Baruch College de Nova York- Estados Unidos. e-mail: creativelifetm@yahoo.com

abolicionista. Foi também membro fundamental da Sociedade Cearense Libertadora (SCL) e após greve dos jangadeiros tornou-se finalmente presidente da organização.

Embora Dragão do Mar tenha sido aceito e louvado por abolicionistas brancos, sua reputação foi por vezes debatida e impugnada, em grande parte devido à diferença entre ele e os demais membros da SCL, no que diz respeito à formação acadêmica, política e intelectual. A maioria deles era ou famosos escritores ou influentes intelectuais. Sua “celebridade” foi bem mais discutida fora do Estado. Com relação a outros grandes abolicionistas distintos de cor, como André Rebouças, José do Patrocínio e Luís Gama, ele foi o que recebeu tratamento diferente nos escritos publicados. Ainda que bem conhecido e envolvido com muitos membros do movimento nacional, Nascimento não era nem intelectual, nem escritor profissional como os outros. Ele foi principalmente um abolicionista local. Outros também abolicionistas conhecidos tornaram-se famosos porque literalmente inscreveram-se na história. José do Patrocínio, que mais tarde se reuniria a Nascimento e ao movimento abolicionista, foi um prolífico jornalista e romancista. André Rebouças, intelectual e engenheiro foi também escritor fecundo. Luís Gama, advogado, libertou tantos escravos que adquiriu respeito inclusive dos seus próprios inimigos; também foi talentoso poeta e escritor. O que se sabe na verdade sobre Nascimento não está na sua própria voz, mas na voz de outros abolicionistas do seu tempo.

Francisco nasceu em 1839 na pequena vila de pescadores de Canoa Quebrada. De família humilde de mulatos jangadeiros livres, ele também aprendeu o ofício de pescador. Nessa época, a ocupação de jangadeiro era aberta principalmente a homens de cor livres. Na pirâmide social brasileira a atividade da pesca em jangada estava ligada à classe baixa e jangadeiros eram considerados ignorantes.²

Como a grande maioria dos jangadeiros não possuía suas próprias embarcações realizavam o trabalho de forma terceirizada e eram, portanto, todos mal remunerados. Segundo dados biográficos de Nascimento, ele foi basicamente analfabeto até a idade adulta e nunca foi formalmente educado. É impressionante o fato de que ele aprendeu a ler quando muitos de sua classe não o fizeram. É claro que Nascimento possuía capacidade de liderança e era altamente inteligente. Logo se destacou como jangadeiro, pois possuía duas jangadas e isso era bastante incomum naquela época. Ao longo dos tempos tornou-se líder entre os companheiros de jangada e ganhou posição de destaque nas docas do porto.³

Nascimento sempre alimentou forte o ódio da escravidão. Quando jovem, ouviu a história de uma revolta de escravos em um barco chamado Laura Segunda e isso o marcou profundamente. A história conta que dezesseis homens de cor e um homem branco mataram um capitão de navio porque ele os tratou mal. Tais homens foram capturados em Aracati e condenados à prisão com exceção do líder que foi assassinado. De acordo com Morel, essa história teria impressionado Nascimento de forma duradoura, muito embora ele fosse um homem livre e nem um de seus pais fossem escravos. No entanto, não está claro que sua família era contra a escravidão. Não é a cor ou a condição de liberdade que determinará posições ideológicas ou sociais. Antônio Rebouças, por exemplo, famoso abolicionista, apesar de mulato foi membro do Parlamento e possuiu escravos. Um dos mais fervorosos defensores do regime escravista, o Barão de Cotegipe, era mulato. No entanto, podemos afirmar que de um modo geral as pessoas de ascendência africana, livres ou escravas, sentiam enorme ansiedade sobre o lugar ocupado por eles na sociedade, assim como os

2 Morel, Edmar. *Dragão do Mar: O Jangadeiro da Abolição*. (Rio, 1949), 35-38. A Jangada é um pequeno barco de pesca encontrado unicamente no nordeste do Brasil. O Jangadeiro é aquele que usa a jangada como forma de subsistência.

3 Era Uma posição governamental

homens livres que combateram no movimento Balaiada. Como aponta Morel, apesar de Nascimento ser livre dentro de uma família livre, ele era mulato e isso seria suficiente para assegurar sua vulnerabilidade diante de humilhações de todos os tipos.

O frequentemente esquecido abolicionista João Napoleão, colega de Nascimento, também alimentou seu ódio da escravidão. Parece que é mais fácil entendê-lo do que Nascimento, pois Napoleão nasceu escravo dentro de uma família de escravos. Esse ganhou sua liberdade bem como a liberdade de três membros de sua família. Atendendo uma solicitação de Dragão, participou da primeira greve dos jangadeiros, mais tarde desaparecendo do movimento.

Depois de liderar a segunda greve dos jangadeiros, Dragão do Mar foi escolhido pela elite abolicionista para ser o símbolo do movimento. De muitas maneiras os abolicionistas viram Dragão do Mar como a personificação de sua causa. Perguntamo-nos em que medida a ascensão de Nascimento como líder no movimento deveu-se a sua classe e ao seu passado étnico. Afinal de contas, por que João Napoleão não se tornou líder? Talvez tenha rejeitado o papel de liderança em favor de Dragão do Mar? Napoleão era um liberto (escravo libertado), discriminado pelas leis brasileiras estava mais sujeito ao racismo do que Dragão do Mar. Aquele liderou com outros dois abolicionistas, José Vasconcelos e Isaac Amaral, o primeiro golpe contra o Estado do Espírito Santo no final de janeiro de 1881. O próximo golpe abolicionista, em agosto desse mesmo ano, foi marcado pelo surgimento do Dragão do Mar, que ficou famoso ganhando papel ativo no movimento abolicionista.

Após a greve dos jangadeiros, Nascimento fortaleceu-se como ativista do principal grupo abolicionista do Estado do Ceará, a Sociedade Cearense Libertadora. Foi recebido em audiência pública pela corte real no Rio de Janeiro e tornou-se tão famoso que uma multidão de curiosos e repórteres quiseram conhecê-lo. Apesar de não ter sido recebido por Dom Pedro ou pela Princesa Isabel, foi presenteado pela família real com uma medalha de ouro, por ter fechado os portos do Ceará. A corte real era contra a escravidão e, em muitos aspectos, apoiou a causa da abolição, mas não teve vontade política ou poder de realmente acabar com ela. No entanto, os monarcas fizeram muitos gestos simbólicos em favorecimento da causa abolicionista. Libertaram, por exemplo, todos os escravos ligados diretamente à monarquia e apoiaram a aprovação de todos os tipos de reformas. A realeza não viu a necessidade de realmente conhecer Nascimento, mas validar sua causa e em certo grau, as suas ações.



Compreendendo o Significado Dragão do Mar

A validação de Nascimento pelas elites deve ser questionada. Quem se beneficiou da relação entre Nascimento e seus patrocinadores? Qual foi a natureza dessas relações? O que fez ele do que esperava realizar? Pouco ou quase nada poderá ficar muito claro devido à falta de documentação. Não obstante, algumas ideias podem ser adquiridas a partir dos escritos de Morel, biógrafo de Nascimento, além de artigos e jornais da época.

Nascimento foi um reformador que se opunha à escravidão. Embora ele tivesse consciência das suas posições ou até mesmo laços de amizade com outros abolicionistas negros mais radicais, faltava nele vontade de derrubar a ordem social. De fato, como outros abolicionistas de cor, ele particularmente prosperou dentro do movimento. Não há dúvidas de que Nascimento se beneficiou das ações de outras pessoas e acabou por ser recompensado com a fama e com o respeito.

Os comerciantes e as classes profissionais encontravam em Nascimento o mulato da camada popular que havia superado o baixo estatuto sócio-econômico e se tornado respeitado no

Ceará e no seio do movimento abolicionista. Ele era um poderoso símbolo da nova geração de brasileiros que almejava a reforma e a modernização.

É importante ressaltar que, embora Nascimento tenha sido em muitos aspectos o símbolo de um Brasil novo, nunca se beneficiou da mesma forma que outros abolicionistas brancos. Sua fama não se traduziu em riquezas, nem ele se tornou politicamente poderoso. Morel observa que por causa de sua cor e classe, Nascimento foi incapaz de traduzir sua fama em uma carreira lucrativa.

A elite predominantemente branca foi quem patrocinou Nascimento e a ela ele foi extremamente leal. Esse tipo de relacionamento era normal no Brasil.

Mecenato foi um movimento político organizado. Fazendo uma leitura do órgão abolicionista, *O Libertador*, que era a organização mais progressista da abolição na época, podemos perceber que ele defendia a liberdade e a fraternidade entre todos os homens. O grupo rival abolicionista *O Centro* era retratado como radical por causa de sua linguagem, mas não o foi. De um modo geral os reformistas estavam engajados em um projeto de modernização, mas não se interessavam pelas ideias que o liberalismo escreveu.

Vale lembrar que os balaios foram principalmente homens livres de cor como Dragão do Mar, também de origem humilde e procedentes de grupos marginalizados. Mesmo que no início da revolta tenham excluído os escravos e baseado suas convicções em uma filosofia liberal, tentaram criar uma sociedade radicalmente diferente. É inegável que as implicações de tal revolta foram revolucionárias, sobretudo o domínio que mantiveram em grande parte dos três estados do Nordeste, além da libertação de muitos escravos em seu governo.

O grupo de quilombolas liderado por Cosme estava educando seu povo. Os dois principais líderes do movimento, Cosme e Raimundo, foram homens de herança africana. Raimundo Gomes, por exemplo, era frequentemente citado em documentos do governo como “Cabra”, um termo pejorativo referente a pessoas de ascendência africana. Cosme e seu grupo de quilombolas formavam a facção mais importante do movimento. Embora houvesse pessoas de herança africana no movimento, dominado mais tarde pelas elites, eles não foram radicais. Os abolicionistas escreveram sinceramente sobre uma sociedade que abraçava as ideias liberais, mas não agiram. Uma evidência disso é que após a abolição da escravatura, as pessoas de ascendência indígena e africana continuaram sendo excluídas do poder, com raras exceções. Mesmo quando homens de ascendência africana atingiam posições de poder, como o Barão do Cotegipe, eles não se identificavam como homens de cor, pois desejavam esconder esse fato. Quando se sentiram forçados a reconhecerem suas raças criaram uma distância entre si mesmos e as massas. Durante o Império e também mais tarde, muitos mulatos influentes, como Machado de Assis e outros, foram acusados de negar sua cor e origens. No período pós-escravo, Nina Rodrigues, Oliveira Viana e Nilo Peçanha mantiveram silêncio sobre seu patrimônio étnico ou o minimizaram. Pelos padrões modernos, muitos deles seriam considerados racistas.⁴

Nina Rodrigues e Oliveira, dois intelectuais mulatos claros, escreveram livros de rigor intelectual excepcional para a época, mas imbuídos de todos os tipos de ideias de raça superior e infe-

4 É interessante que as pessoas de descendência africana como Oliveira Vianna e Nina Rodrigues tenham sido fortemente influenciados pela eugenia e repetido as obras de seus contemporâneos na Europa. No entanto, havia intelectuais como Manuel Querino, que eloquentemente articulou a participação dos afro-brasileiros e mostrou a insensatez de assumir déficits intelectuais dos negros bem antes de Gilberto Freyre nascer, mostrando que o racismo de escritores como Vianna e Rodrigues não era natural ou lógico, mas sim um caminho que eles escolheram. De muitas maneiras, pode-se argumentar que esses homens de cor escolheram este caminho, porque era desejável. Abraçar o racismo científico, de alguma forma perversa distanciava-nos de seu passado africano e os levava para a branquidão. Veja o artigo de Thomas Skidmore “Race Ideas and Social Policy in Brazil, 1870-1930” em Richard Graham’s, *The Idea of Race in Latin America, 1870-1940* (Austin: University of Texas Press, 1990), 7-36. Também Thomas Skidmore, *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought* (Durham: Duke University Press, 1993).

rior. De certa forma isso não deveria ser surpreendente, pois o racismo científico foi amplamente aceito na Europa e nos Estados Unidos.⁵ Nilo Peçanha era de origem humilde e mulato claro, mas calou sobre sua origem africana diante de seus adversários que o atacavam. Ainda assim, não demonstrou nenhum compromisso sério no esgotamento das noções de superioridade branca.⁶

Está claro que muitas pessoas de pele branca distanciaram-se das outras pessoas de cor no movimento abolicionista. Por volta de 1870 no Brasil, não havia uma ligação orgânica entre pessoas de ascendência africana, muito menos entre a elite e as classes populares. Outro fator que desencorajou a solidariedade racial no Brasil do século XIX foi o caminho da mobilidade social ter sido baseado no patrocínio de pessoas; muitos de ascendência africana atingiram uma quantidade razoável de sucesso e fama desta maneira. Durante a Monarquia no Brasil, a maioria dos abolicionistas famosos como André Rebouças e José do Patrocínio, estava ligada à Monarquia ou a outros clientes; Nascimento ligou-se a seus patronos cearenses, abolicionistas esses com fortes tendências republicanas.

Podemos obter algumas ideias sobre o poder do patronato através da análise de um episódio envolvendo José do Patrocínio e Nascimento. Vários anos após o final da escravidão, o velho amigo de Nascimento o convidou para prestar serviços novamente. Patrocínio queria que Nascimento tomasse uma posição contra a ditadura e contra Floriano Peixoto (o primeiro líder da República Velha disfarçado de republicano), mas Nascimento recusou o pedido e afirmou: “Eu estou com o governo e eu estou com João Cordeiro”.⁷ Cordeiro foi governador da província e um dos principais abolicionistas do Ceará. Apesar de concordar provavelmente com Patrocínio, era altamente improvável que ele tomasse parte contra Cordeiro, seu patrono.

Depois da escravatura ter se tornado ilegal no país, toda aquela geração de abolicionistas cearenses se converteram em novas lideranças políticas. Por extensão, Nascimento teve acesso a esse novo grupo, mas de forma limitada, visto que nunca se beneficiou como muitos dos seus colegas brancos.⁸

As políticas públicas da República Velha, ofereceu poucos benefícios as pessoas de origem africana e da classe sócio-econômica de Nascimento; tampouco ofereceu oportunidade para a mobilização social na forma que a Monarquia parecia ter feito, pelo menos para homens educados, libertos de cor como José do Patrocínio e André Rebouças (que deixou o Brasil após a queda do Império). Questiona-se muito que Nascimento tenha pensado profundamente sobre os princípios de uma sociedade republicana ou sobre semelhantes sociedades pós-escravistas. Questiona-se que ele tenha pensado abordagens teórico-políticas para melhorar a vida dos ex-escravos e das pessoas de ascendência africana. Patrocínio, pelo contrário, seguiu a vida intelectual, foi editor de periódicos diversos, e bastante sincero sobre o que pensava do liberalismo. Embora tenha sido aliado

5 É fascinante notar que foi um Europeu erudito nascido judeu, Franz Boas, professor na Columbia University, o grande responsável pela reavaliação das ideias brasileiras sobre o racismo científico. Seu trabalho contra o racismo científico, não só ajudou a minar a legitimidade de tais ideias, mas seus alunos também desempenharam um papel importante na divulgação de seus resultados. No Brasil, Gilberto Freyre abraçou o desafio de minar o racismo científico. Lee D. Baker “Columbia University’s Franz Boas: He Led the Undoing of Scientific Racism”, *the Journal of Blacks in Higher Education*, 1998, 89-96.

6 Em estudos recentes há uma tendência em minimizar o que Carl Degler chamou de “porta de escape do mulato.” Estudiosos mostraram que havia e ainda há diferenças socioeconômicas muito pequenas entre “negros” e “pardos” e que ambos os grupos enfrentam uma enorme desvantagem na força de trabalho estando muito atrás dos brancos em áreas como educação, saúde e moradia. Veja Nelson do Valle Silva, *Updating the cost of not being white in Brazil* em *Race, Class and Power in Brazil*, ed. Pierre Michel Fontaine (Los Angeles: Center for Afro- American Studies, 1985) and see the more recent study por Edward Telles. *Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil* (Princeton: Princeton University Press, 2004).

7 Edmar Morél, *Dragão do Mar: O Jangadeiro da Abolição* “Estou com o governo e com o João Cordeiro,” 200.

8 Se analisarmos as posições dos companheiros de Nascimento no SCL, torna-se claro que seu sucesso foi moderado. Muitos de seus colegas tornaram-se importantes funcionários do governo ou empresários bem sucedidos. Havia muito poucas oportunidades de mobilidade social na época do Império no Brasil.

da Monarquia e amigo de Dom Pedro II, foi favorável ao abolicionismo como seu colega André Rebouças. Enquanto Dragão do Mar foi leal apenas ao seu benfeitor João Cordeiro. No final das contas, nenhum desses homens de cor teve dos colegas brancos de solidariedade recíproca. Na verdade foram intimamente influenciados por seus benfeitores.

Nascimento estava ligado aos colegas abolicionistas inclusive financeiramente. Afinal, seu negócio como jangadeiro tinha ligações com os comerciantes que formaram as fileiras no movimento abolicionista. Depois da escravatura, não fica claro se Nascimento se preocupou com as políticas nacionais, nem há evidências disso. A ditadura claramente não teve efeitos positivos em sua vida nem com as de seus companheiros jangadeiros. Seus patronos o respeitaram e brigaram com ele contra a escravatura. Isso era mais do que muitos patronos já haviam feito. Os abolicionistas rivais como Barão de Studart e sua organização, *O Centro Abolicionista*, não o respeitaram. De fato, eles pareciam alarmados quando perceberam radicalismos na Sociedade Cearense Libertadora. Studart foi membro fundador do *O Centro* e também escritor. Em nenhum de seus principais escritos ele menciona Dragão do Mar, nem parece reconhecer a contribuição do mesmo para o movimento abolicionista. Na verdade, ele o ignora sistematicamente e ainda repreende seus patronos como o fez com João Cordeiro. Os espaços e oportunidades para Nascimento eram limitados, uma vez que quebrando o dever de obediência e lealdade devida aos patronos, fechavam-se as portas de entrada na elite. Apesar de Nascimento ser respeitado por alguns grupos abolicionistas e de ser conhecido pelas classes populares, não há vestígios de que ele fosse amplamente bem aceito pelas elites.

Dragão do Mar, o Abolicionista e outros Abolicionistas do seu tempo.

Veremos adiante que Nascimento não “conhecia o seu lugar”. Ele nem sempre respeitou os ideais de seus patronos. Sobre o fim da escravidão e da criação de uma sociedade não racista, ele pareceu especialmente destemido e sincero como o foram André Rebouças, José do Patrocínio e Luís Gama. Ainda assim não está claro como Dragão do Mar lidava com sua identidade racial. Para entendê-lo enquanto abolicionista é importante relacioná-lo a outros abolicionistas de ascendência africana. Machado de Assis, por exemplo, se posicionou fora da negritude e viu sua própria ascendência africana como fonte de vergonha. Pelo contrário, Gama enxergava sua raça e etnia com orgulho. Em esboço autobiográfico, Gama identifica orgulhosamente a mãe como de origem africana.⁹ Ele a descreve como uma mulher negra, baixa, mas muito bonita, natural da Costa da Mina, ela se recusou a ser batizada e não aceitou o Cristianismo. Em um poema, Gama debocha da expressão pejorativa “cabra” e, por vezes, assume o termo com orgulho:

Se negro sou, ou sou bode/Pouco importa. O que isto pode?/Bodes há de toda a casta,
Pois que a espécie é muito vasta./Há cinzentos, há rajado-Baios, pampas e malhados/
Bodes negros, bodes brancos/E, sejamos todos francos/Uns plebeus, e outros nobres/
Bodes ricos, bodes pobres/Bodes sábios, importantes/E também alguns tratantes/Aqui,
nesta boa terra/Marram todos, tudo berra/Nobres Condes e Duquesas/Ricas Damas e
Marquesas/Deputados, senadores/Gentis-homens, vereadores; Belas Damas emproadas/
De nobreza empantufadas;Repimpados principotes/Orgulhosos fidalgotes/Frades,
Bispos, Cardeais/Fanfarrões imperiais/Gentes pobres, nobres gentes/Em todos há meus
parentes.¹⁰

9 “No livro *Dragão do Mar: o jangadeiro da abolição*” de Morel encontramos um apêndice sobre Luís Gama. Veja Vendaval da Liberdade, “Sou filhonatural de negra livre, da Costa Mina, (Nago) de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita; a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha, os dentes alvíssimos como a neve, era muito alta, geniosa, insofrida e vingativa” 219-220.

10 Para uma bela coleção de documentos primários sobre a escravidão e relações raciais veja Robert Edgar Conrad, *Children of God's Fire: A Documentary History of Black Slavery in Brazil* (Princeton: Princeton University Press, 1983), 229-231.

Gama se encaixa perfeitamente na tradição afro-diáspora e na luta contra a escravidão que estava ocorrendo em todo o mundo novo. Sua visão intelectual estava firmemente focada nas convicções de luta contra a opressão racial de Alexander Crummel, Fredrick Douglass e muitos outros ascendentes africanos. André Rebouças era da tradição filosófica de elevação da raça. Ele acreditava que os negros poderiam ser ajudados se recebessem da sociedade oportunidades apropriadas.¹¹

José do Patrocínio parecia ser mais ambivalente sobre sua identidade racial. Apesar de ser contra a escravatura, ele apoiava a ideia da imigração européia como estratégia de embranquecimento da raça negra, visão que predominava entre as elites brancas. Ele fez comentários depreciativos contra os escravos, chamando-os de estúpidos e feios.¹²

Ainda assim, tais homens desejaram acabar com a escravatura e esperavam integrar os ex-escravos à sociedade. Gama e Rebouças, particularmente, enxergaram o Brasil como uma sociedade multi-racial e lutaram intensamente para incorporação social de pessoas de descendência africana.

A Luta de Dragão do Mar contra o Racismo

Não é claro quão profundamente Dragão pensou sobre raça. Além de possuir rico conhecimento do mundo negro, como jangadeiro e velejador, ele teve contato com pessoas do mundo todo e trocou experiências. Daí, esteve inteirado sobre várias outras revoltas escravas, como a de Laura Segunda que viera antes dele.¹³ Ele foi simpático à causa abolicionista, mas não um revolucionário ativo da maneira que foi Cosme. Dragão também experimentou o racismo em sua vida. Ele relata em seu diário que foi insultado por um grupo de homens que o desprezaram por causa de sua cor. Mas o desprezo experimentado por ele não comprometeu totalmente o seu lugar na sociedade. Embora não tenha se tornado extremamente rico, foi bastante respeitado socialmente. Seu segundo casamento, inclusive, foi com uma mulher de família proeminente, a filha de um grande escritor e intelectual cearense, João Brígido. Vale lembrar também que em 1881, ele foi nacionalmente apoiado e recebeu da família real uma solidária medalha de honra ao mérito. No final das contas, Dragão do Mar teve apoio das principais elites brancas na luta contra a escravidão, mas o fez em seu próprio benefício.¹⁴ Podemos argumentar ainda, que as elites brancas só aceitaram bem a presença de Nascimento por que o mesmo ocupou determinados espaços políticos.

Após a escravidão a vida das pessoas da classe popular não se alterou fundamentalmente, nem os ascendentes africanos foram inseridos na sociedade. A escravidão terminou, mas o racismo não. Nem Nascimento abordou este problema diretamente, nem seus patronos.¹⁵

11 Veja Anthony Appiah, *In My Father's House: Africa in the Philosophy of Culture* (New York: Oxford University Press, 1992), Wilson J. Moses, *The Golden Age of Black Nationalism, 1850-1925* (Hamden: Archon Books, 1978) e Kevin Gaines, *Uplifting the Race: Black Leadership, Politics, and Culture in the twentieth Century* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996). Estes livros são bem diferentes em sua orientação teórica. Cada um, a sua maneira, conta a história de como os intelectuais de ancestralidade africana conceituaram liberdade, raça e identidade.

12 David Brookshaw mostra que apesar de Patrocínio ter sido um feroz abolicionista, ele internalizou também muitas ideias eurocêntricas. Veja *Race and Color in Brazil Literature* (Metuchen: The Scarecrow Press, 1986) 30.

13 Morel, E. Dragão do Mar: O Jangadeiro da Abolição 35-38. Também sabemos que a mãe de Nascimento assumiu a identidade negra, pois Morel a cita denominando-se a si mesma de "preta". Portanto havia consciência racial na família de Nascimento, e eles definitivamente se reconheciam como sendo de descendência africana.

14 O liberalismo clássico do século XIX não deve ser confundido com o liberalismo do New Deal. O liberalismo clássico promoveu um governo limitado, o livre comércio, e suas ideias eram em muitos casos uma reação às monarquias que atribuíam seu poder a Deus. Quando falo do liberalismo moderno refiro-me a uma ideologia que surgiu após a grande depressão, e abraçou a ideologia econômica Keynesian e programas sociais do governo em grande parte para salvar o capitalismo. Veja Alan Brinkley para uma moderna discussão do liberalismo, *Liberalism and its Discontents* (Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1998).

15 Para descrições da sociedade pós-escravidão veja Sam Adamo, "The Broken Promise: Race, Health and Justice in Rio de Janeiro, 1890-1940." Ph. D. diss., University of Arizona, 1983, George Reid Andrews, *Blacks and Whites in São Paulo, Brazil, 1888-1998* (Madison: University of Wisconsin Press, 1991) and Kim Butler, *Freedoms Given Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post-Abolition São Paulo and Salvador* (New Brunswick: Rutgers University Press, 1998).

Líderes abolicionistas como Joaquim Nabuco acreditaram que o Brasil era uma sociedade multi-racial, sem conflitos radicais sérios, apesar de reconhecerem que a noção de brancura foi adotada pela elite branca. Com o fim da escravatura todos os homens foram libertados, mas a abolição não acabou com a ideia da supremacia branca, muito menos produziu oportunidades de ascensão econômica para a grande maioria dos afro-brasileiros. A ordem econômica no Brasil pós-escravatura manteve, pelo contrário, a maior parte da população em estado de miséria, em particular os afro-brasileiros. Como não houve restituição ou plano para assimilar a comunidade de ex-escravos ou pessoas de ascendência africana no fluxo principal; redistribuição de terras, reformas educacionais e finalmente nenhuma proteção legal contra práticas discriminatórias; o fim da escravidão apenas perpetuou a supremacia branca.

O espírito de luta não se perdeu totalmente em Dragão do Mar. Cerca de vinte anos depois de sua primeira greve, ele liderou outra muito diferente. Agora não protestava contra a escravidão, mas contra o recrutamento forçado de homens pobres e de cor para o serviço militar. Curioso notar que Nascimento não teve nenhum apoio da elite, nem muito menos do governador antes abolicionista. No protesto Nascimento viu mais de 90 pessoas serem feridas e/ou mutiladas. Sem dúvidas, como a maioria dos jangadeiros era de homens de cor, isso contribuiu para que Dragão colocasse a greve em termos raciais. Ele não entendia por que apenas homens de cor, casados, muitos deles até avôs, seriam sacrificados em detrimento dos meninos brancos.¹⁶ De algum modo, essa greve demonstra a inocência de Nascimento. Ela foi francamente planejada, mas não contou como na campanha contra a escravatura, com nenhum suporte das elites.¹⁷

É sabido que Dragão do Mar ajudou a promover a justiça social e racial, mas diferente de André Rebouças e José do Patrocínio, ele não articulou um plano específico para o que poderia ser uma sociedade pós-escravista. Não podemos, no entanto, desprezar sua raiva sincera contra a injustiça. Na batalha em Catraeiros, por exemplo, ele mostrou trazer no coração os interesses das classes populares; também demonstrou ser um destemido advogado popular. Ele foi tão consciente da discriminação racial, como foram os Balaios algumas gerações antes. De fato, ele não era um elitista como foi José do Patrocínio e André Rebouças. Na verdade ele estava muito confortável com as classes populares e ajudou a organizá-las. Não tinha medo de ir contra as elites em apoio à causa que julgasse correta. Foi Nascimento quem ajudou a organizar a greve dos jangadeiros e forçou o governo a barrar oficialmente a entrada de escravos pelos portos do Ceará. É evidente que Dragão do Mar foi um organizador brilhante e corajoso, mas ele não baseou suas estratégias em qualquer filosofia em particular. Embora fosse contra o racismo e contra escravidão ele parecia não dispor de qualquer plano para reorganizar o Brasil numa verdadeira democracia racial. Aceitou a liderança da SCL, mas raramente questionou suas próprias ações. Apesar de ter ajudado a acabar com a escravidão não pensou em como incluir pessoas de ancestralidade africana e indígena no seio da sociedade.

Para a Balaiada, as ideias de igualdade racial estavam no centro de seus principais programas. Paradoxalmente, isso foi mais importante que a abolição da escravatura. Raimundo Gomes, um dos representantes, foi um homem livre de ancestrais africanos. Ele percebeu que para que conseguisse trabalhar para o movimento, os escravos também deveriam ser libertados. Já Cosme tornou-se o centro do movimento porque os seus soldados tinham mais razões para lutar e, portanto, seriam mais confiáveis. A grande maioria dos Balaiadas e os potenciais simpatizantes do movimento, como os Bem-te-vis, foram cooptados e só a classe escrava se manteve fiel até o fim. Julga-se que isso foi a chave para que Gomes controlasse a revolta por tanto tempo. Uns quatro

¹⁶ Ibid. "Por que os moços brancos não são sorteados em detrimento do sacrificio de homens de idade, alguns até avós" 204.

¹⁷ Morel, Vendaval, 204-26.

anos mais tarde, Alves Lima transformou Cosme e Gomes nos símbolos em torno dos quais deveria ocorrer a manifestação das elites contra o movimento Balaiada. Ele percebeu que os dois formavam imagens contraditórias aos interesses das classes de elite.¹⁸ Como a escravidão representava naquele momento a salvação econômica, o fato de uma comunidade quilombola formar aliança com homens livres de cor tornara-se uma ameaça. Isso poderia ter sido semelhante a outro Haiti. Cosme tinha que ser morto publicamente. Ele violava todos os códigos da sociedade brasileira. Ele minava todos os aspectos de ordem brasileira. Raimundo Gomes também foi um radical que ameaçou derrubar a ordem sócio-econômica brasileira, mas ele não começou da mesma forma que Cosme. Principiou por defender as reformas com que muitas elites brancas poderiam simpatizar, pois muitos deles também queriam as reformas, incluindo os benefícios econômicos e sociais que consideravam ser monopolizados pela classe política-Cabano. No entanto, a simpatia com os escravos não era parte dessa negociação.

Por outro lado, depois de duas gerações da revolta da Balaiada, Dragão do Mar fora aceito por uma grande maioria, como a voz contra a escravidão. A essa altura, a escravidão já era inaceitável em todo o mundo ocidental, de forma que as elites do Ceará estavam praticamente todas dispostas a aceitar o final da escravidão como a saída para seus problemas econômicos. De certa forma, o Ceará nunca foi dependente da escravidão, podendo assim ser abolida sem nenhum ônus real à sua economia. Além disso, para os abolicionistas de vertente mais progressista, ser liderado por um homem de ascendência africana era mais um ponto de orgulho e não fonte de vergonha. Ele sequer representaria ameaça para a elite. É bem verdade que Nascimento era tão dependente das elites que quando tentou agir de forma independente, como na greve com os Catraeiros, foi violentamente esmagado. Ele não teve nem poder de barganha, nem independência filosófica ou política como teve Cosme, que foi capaz de comandar um grupo de três mil escravos. Dragão do Mar era um líder e teve o apoio das classes populares, mas nunca teve o apoio da sociedade organizada a reorientá-lo verdadeiramente.

As Balaiadas foram também muito dependentes da linguagem do liberalismo. Todos os seus manifestos reconheciam as ideias da elite branca dos Bem-ti-vis. Ao contrário dos irmãos do Haiti, não expropriaram a linguagem da Revolução Francesa. Eles não se tornaram “Black jacobinos”.¹⁹ No final, radicalizaram e estavam lutando por justiça social. Eles não apenas queriam acabar com a escravatura, mas também queriam mudar a hierarquia e a opressão racial, mas quando se afastaram do projeto elitista já era tarde.

A geração de elite do tempo de Dragão do Mar era uma geração de reformadores. O investimento na Balaiada para acabar com a escravidão não tinha mais o mesmo significado no tempo dele. Dragão do Mar representava um novo, higienizado líder negro que era contra a escravatura, mas não tinha alguns dos pontos radicais. Ele não era mais chamado de Cabra, havia se tornado um pardo respeitado que ajudou a solidificar os ideais da democracia racial e o progresso para uma nova geração de brasileiros.

O “Progresso” estava acontecendo lentamente no Brasil, mas não lidava com a desigualdade tampouco com os ideais da Balaiada, apesar da ilusão de justiça social estar embutida em sua linguagem de igualdade.²⁰ Na lei havia progresso, mas os ideais proferidos pela Libertadora não foram realizados. O final da escravatura permitiu ao Brasil criar um mito de liberdade e igualdade,

18 Santos, Maria Januária Vilela. *A Balaiada e a Insurreição de Escravos no Maranhão* (São Paulo: Ática, 1983).

19 Isto é uma referência a C.L.R. James, *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution* (New York: Vintage Books, 1989) que documenta como os escravos usaram a retórica da Revolução Francesa em seus próprios termos. A retórica do pensamento liberal, que era de fato a base para a revolução francesa, também se tornou a base para a revolução Haitiana.

20 A abolição da escravatura e a queda do império pareceu significar o triunfo da democracia e dos ideais do liberalismo, mas de fato para as pessoas de cor as circunstâncias sócio-econômicas não mudaram significativamente.

como aconteceu no resto das Américas. Todavia terminar a escravidão nunca significou igualdade racial em lugar algum da diáspora-afro. No Ceará, especificamente, podemos ver que depois da escravatura a greve de Dragão do Mar foi dirigida contra as mesmas elites que defendiam a abolição, mas nunca a igualdade racial.

Referências Bibliográficas

- Adamo, Sam. "The Broken Promise: Race, Health and Justice in Rio de Janeiro, 1890-1940" Ph.D. diss., University of Arizona, 1983.
- Andrews, George Reid. *Blacks and Whites in São Paulo Brazil, 1888-1988*. Madison: University of Wisconsin Press, 1991.
- Appiah, Anthony. *In My Father's House: Africa in the Philosophy of Culture*. New York: Oxford University Press, 1992.
- Araújo, Maria Raimundo. *Documentos para a História da Balaiada*. São Luis : Edições FUNCMA, 2001.
- Baker, Lee. "Columbia University's Franz Boas: He Led the Undoing of Scientific Racism", *Journal of Blacks in Higher Education*, 1998, 89-96.
- Brinkley, Alan. *Liberalism and its Discontents*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1998.
- Brookshaw, David. *Race and Color in Brazilian Literature*. Metuchen: The Scarecrow Press, 1986.
- Butler, Kim. *Freedoms Given, Freedoms Won: Afro-Brazilians in Post Abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1998.
- Conrad, Robert. *Children of God's Fire: A Documentary History of Black Slavery in Brazil*. Princeton: Princeton University Press, 1983.
- Fontaine, Pierre-Michel, ed. *Race, Class, and Power in Brazil*. Los Angeles: Center for Latin American Studies, UCLA, 1985.
- Gaines, Kevin. *Uplifting the Race: Black Leadership, Politics, and Culture in the Twentieth Century*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996.
- Graham, Richard. *The Idea of Race in Latin America, 1870-1940*. Austin: University of Texas Press, 1990.
- Haberly, David T. *Three Sad Races: Racial Identity and National Consciousness in Brazilian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- James, C.L.R. *The Black Jacobins: Toussaint L'Ouverture and the San Domingo Revolution*. New York :Vintage Books, 1989.
- Morel, Edmar. *Dragão do Mar: O Jangadeiro da Abolição*. Edições do Povo: Rio, 1949.
- _____. *Vendaval da Liberdade: A Luta do Povo pela Abolição*. Global Editora: Rio, 1967.
- Moses, Wilson. *The Golden Age of Black Nationalism, 1850-1925*. Hamden: Archon Books, 1978.
- Reis, João José traduzido por Arthur Brakel. *Slave Rebellion in Brazil: The Muslim Uprising Of 1835 in Bahia*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995.
- Santos, Maria Januária Vilela. *A Balaiada e a Insurreição de Escravos no Maranhão São Paulo: Ática*, 1983.
- Skidmore, Thomas. *Black into White: Race and Nationality in Brazilian Thought*. Durham: Duke University Press, 1993.
- Spitzer, Leo. *Lives in Between: Assimilation and Marginality in Austria, Brazil, and West Africa, 1780-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- Telles, Edward. *Race in Another America: The Significance of Skin Color in Brazil*. Princeton: Princeton University Press, 2004.